

Baker condiciona empréstimos a novo programa de austeridade

MOISÉS RABINOVICI
Nosso Correspondente

WASHINGTON — O secretário do Tesouro dos Estados Unidos, James Baker, repetiu que "o Brasil só obterá novos empréstimos se apresentar um novo plano de austeridade econômica", ao depor, ontem à tarde, numa subcomissão da Câmara. Baker também disse que "a reforma econômica brasileira, conhecida como Plano Cruzado, deu certo algum tempo, mas não funciona mais".

O assunto de Baker, na Câmara, ontem não era o Brasil. Mas ele ainda lembrou "a mensagem" que deu ao ministro Dilson Funaro em sua recente passagem por Washington: "Sem um novo plano econômico não há rolagem da dívida, nem mais dinheiro".

O próximo possível encontro entre funcionários do governo brasileiro com vários banqueiros credores privados e o próprio secretário do Tesouro norte-americano, James Baker, poderá ocorrer neste sábado e domingo, ou no começo da semana que vem, em Miami, onde será aberta, a partir des-

ta quinta-feira, mais uma importante assembléia dos governadores do Banco Interamericano de Desenvolvimento, o BID.

"Poderá ocorrer", assim ainda entre aspas, porque, segundo um porta-voz do BID afirmou a O Estado e ao JT, ontem à tarde. "O Brasil ainda não comunicou oficialmente se manda uma delegação nem quem a formará."

O mesmo porta-voz ainda lamentou que "o Brasil é um dos pouquíssimos países que não confirmaram presença", o que para ele parece estranho, já que a dívida dos países latino-americanos será o tema dominante à margem da agenda oficial da assembléia dos governadores do BID.

O assunto oficial dominante da reunião é uma disputa entre os Estados Unidos e os países devedores latino-americanos sobre quem controla os bilhões de dólares de empréstimos do BID.

Os Estados Unidos, um dos maiores sócios do banco, têm um poder de voto correspondente à sua contribuição, 34%. E este total não lhe dá direito a veto sobre o destino do dinheiro emprestado, mesmo somando o poder

do Canadá, seu aliado nas votações.

A maioria dos outros 16 países industriais que financiam o BID, entre eles o Japão, a Alemanha, a Inglaterra e a França, acha que a administração Reagan está querendo muito, ao pretender o direito a um veto absoluto, embora aprove outras mudanças que estão sendo propostas para discussão nas reuniões de amanhã e de sexta-feira.

"É muito difícil que este impasse seja resolvido em Miami", antecipa um porta-voz do BID, falando a O Estado e ao JT.

A administração Reagan, diz-se em Washington, não se recuperou do empréstimo de US\$ 30,7 bilhões do BID à indústria pesqueira da Nicarágua, em 1983. E seu endurecimento, agora, no momento em que se discute a provisão de novos fundos para o banco, teria relação com a suspensão do pagamento dos juros de sua dívida pelo Brasil e o Equador.

O momento para as pressões americanas não poderia ser melhor. O BID está esgotando os US\$ 15 bilhões que lhe foram canalizados pelos países industrializados ocidentais entre 1983 e 1986.